

BRUNO GANZ

UMA THURMAN SIOBHAN FALLON HOGAN SOFIE GRÅBØL RILEY KEOUGH JEREMY DAVIES

MATT DILLON

BRUNO GANZ

THE HOUSE THAT JACK BUILT

LARS VON TRIER

A CASA DE JACK

2018 . Estados Unidos . 155 min . M/18

ESTREIA 3 JANEIRO - EXCLUSIVO MEDEIA FILMES

LEOPARDO
FILMES

Co-funded by the
European Union



Creative
Europe
MEDIA

WWW.LEOPARDOFILMES.COM



SINOPSE

Estados Unidos da América, anos 70. Seguimos o inteligentíssimo Jack ao longo de 12 anos e presenciamos os crimes que o definem como um assassino em série.

A sua história é-nos apresentada pelo próprio Jack, sendo cada crime pensado como uma obra de arte. À medida que a polícia se aproxima, Jack arrisca-se cada vez mais, tentando criar a sua obra prima. *The House That Jack Built* é uma história negra e sinistra, mas apresentada como um conto filosófico com laivos de humor.

« Não é apenas um filme de género, é um ensaio filosófico. »

CAHIERS DU CINÉMA



« A estrutura básica do filme é composta por cinco incidentes que ocorrem no período de 12 anos. A minha ideia era a de que o filme começasse com o incidente 1 e que o *script* para os intervalos entre incidentes, e em parte o epílogo, estivesse finalizado após os cinco incidentes terem sido filmados e editados. Pode dizer-se que o filme é desencadeado a partir dos tiroteios dos cinco incidentes (...) Os intervalos são caracterizados por um diálogo, fora do ecrã, entre Jack e um personagem que dá pelo nome de Verge (...) - uma versão moderna de Virgílio da *Divina Comédia*. Jack fala sobre a sua vida e a sua transformação.

O epílogo, parcialmente inspirado nas últimas páginas do romance *A Morte de Virgílio*, de Hermann Broch, após a descida física de Jack e Verge ao inferno, foi desenhado para ser poeticamente grandioso: o momento da morte é um estado, uma atmosfera, também inspirado na *Divina Comédia*. O epílogo mistura imagens abstractas da mente com realismo. A minha intenção é que *The House That Jack Built* seja, até à data, o meu filme mais moral. (...) »

LARS VON TRIER, APRIL 13, 2016

Poucos cineastas possuem um portefólio de obras tão polémicas quanto o realizador dinamarquês Lars Von Trier. Prolífico cineasta desde meados da década de oitenta, foi um dos mentores do movimento artístico Dogma 95, que defendia e propunha a arte na sua expressão mais crua, tradicional, isenta dos adventos tecnológicos que, na época e ainda hoje, dominam o cinema. Mesmerizante e provocador, Lars von Trier não deixa ninguém indiferente.

Desde os filmes dos tempos do *Dogma*, passando pela dramaticidade à flor da pele dos seus dramas *Ondas de Paixão* (1996), *Dancer in the Dark* (2000), ou pelo experimentalismo de *Dogville* (2003) e *Manderlay* (2005), até *Anticristo* (2009) e *Ninfomaníaca* (2013), o seu último trabalho até então, Trier construiu um legado cinematográfico impetuoso e arrojado, com propostas sempre desafiadoras e demolidoras das convenções do politicamente correcto e da própria condição humana.

The House That Jack Built abre assim um novo capítulo na história do cinema com o realizador colocando mais uma vez em marcha o seu furor desmesurado e perverso, dividindo plateias e extremando reacções. *The House That Jack Built*, filme que marcou o regresso do realizador ao Festival de Cannes, sete anos depois da polémica na Conferência de imprensa de *Melancolia*, em 2011, explora a condição humana no seu lado mais radical e sombrio, condição esta representada na figura do artista que se apresenta na forma de um *serial killer* no seu *pathos* de catarse sanguinária.

Escolhi Matt [Dillon] e Uma [Thurman] porque, obviamente, eles não sabem ler”, disse o realizador usando do seu habitual estilo sarcástico, embora tenha noção de que este será o seu filme mais brutal. Isto vindo do realizador de *Ninfomaníaca*, *Ondas de Paixão* e *Anticristo*. Houve imensas pessoas para quem enviámos o guião, que disseram que fariam qualquer coisa para trabalhar comigo, excepto neste caso (...) E depois houve dois, que disseram que sim e eu perguntei: ‘Tem a certeza?’ E ambos disseram: ‘Sim, sim, sim’. - Acho que devemos fazer um pequeno teste das suas capacidades de leitura.”

Uma Thurman interpreta uma das cinco vítimas de Jack, mas o aspecto gráfico não a incomoda quando se trata de trabalhar com um talento como o de Von Trier. Thurman diz que trabalharam juntos durante uma cena memorável em *Ninfomaníaca*, vol. 1, uma experiência que a actriz considerou um “tempo maravilhoso”.

As outras vítimas serão interpretadas por Siobhan Fallon Hogan, Sofie Gråbøl e Riley Keough. “Lars é um realizador incrível para os actores”, disse Thurman – ‘Eu posso provocá-lo e dizer que ele é incrivelmente sensível no que ele está à procura, de uma maneira brutal Vamos ver. Está nas mãos dele.’

ZACK SHARF, INDIEWIRE

[EXCERTO DA ENTREVISTA A LARS VON TRIER PARA A INDIEWIRE]



A alegoria que é agora revelada sob os olhos do espectador questiona as condições de existência da arte e seus objectivos na visão do cineasta que é, sem dúvida, menos imoral que amoral, posto que observa os limites da compreensão racional e das prescrições éticas comuns para apreender a irredutibilidade da actividade estética. Essa concepção da arte para a arte, ou, mais precisamente, da arte desimpedida, refere-se sem dúvida a uma rejeição dos termos da modernidade. É-o, em particular, no paradoxo de olhar com desapego sincero e, simultaneamente, escandaloso os horrores da história humana.

É aqui que reside a verdade de uma obra-prima única e emocionante. Depois da trilogia “feminina” (*Anticristo*, *Melancolia*, *Ninfomaniaca*), o cineasta continua a afirmar-se como um alquimista medieval, um artista examinando o abismo de um mundo original para encontrar o impulso instintivo, a fórmula secreta, entre o kitsch e o sublime, entre o humor e o romantismo sombrio, na busca pela chave de uma explicação do Universo e suas misteriosas leis, bem como a possibilidade da sua transposição simbólica.

JEAN-FRANÇOIS RAUGER



« Para aceitar o cinema de Lars Von Trier,
há que aceitar também o seu desejo insaciável de provocar. »

LES INROCKUPTIBLES



CAHIERS DU CINÉMA

“O material do crime”, por Joachim Lepastier

O distúrbio de fascínio provocado por *The House That Jack Built* vai muito além do perigoso desafio de Lars em desenhar o seu auto-retrato como um assassino em série. Raras vezes um filme terá proporcionado, a este ponto, uma mistura surpreendente de desconforto e prazer, misturando o prazer perverso do filme de género “pegajoso” com o nobre distanciamento do tratado estético. Com Lars Von Trier, o exame de consciência e o confronto com os seus próprios demónios, regressam numa demonstração final de força. Não é simples saber se tudo isto releva de um sincero acto de contrição ou se, pelo contrário, de uma pura vanidade demiúrgica. É precisamente esse equilíbrio entre humildade interrogativa e orgulho absoluto que confere sentido, e mesmo grandiosidade, a esta demanda. (...)

Conhecendo a “espiritualidade” tormentosa de Lars Von Trier, poderíamos esperar uma variação sobre o conhecido poema [de Pascal]: “Quem quer ser anjo, acaba por ser uma besta”, embora a equipa de Jack encontre poucos obstáculos. (...) Eis um cinema fundado, como os seus heróis,

numa embriaguez e vontade de possuir, mais do que conhecer o preço dessa *hubris*. (...) Aliás, condensar, ao modo de um alquimista, toda uma mistura filosófica nessa materialidade tão ténue, tão clara, tão obsidiante, é para von Trier como sair da sua própria noite. É apaixonante ver como Lars Von Trier investe na figura do serial killer, uma das personagens mais omnipresentes da ficção ocidental desde há 40 anos, o seu *perfil* que foi assunto no seu primeiro filme, *Element of Crime* (1984), no qual aparecia já a “semente” de *The House That Jack Built*.

De onde vem o título?

Vem de uma história infantil muito conhecida. Não me recordo bem como me veio à cabeça. Assim que reuni esses três elementos: o *serial killer*, o inferno, aquela música, tudo se tornou evidente nessa combinação.

É uma canção para crianças. Como estabelece a relação com o inferno e o serial killer que são os seus opostos absolutos?

Não é propriamente uma canção, é um conjunto de *nursery rhymes*. Se passarmos do poema ao *serial killer* ele transporta-o até ao inferno. Isso tornou-se lógico para mim. Dei-me conta de

que ainda não tinha feito nenhum filme moral. Aquele homem representa o mal e no fim é punido. É um clássico. O lado bom de um [filme] *serial-killer* é que a partir do momento em que se sabe que ele é um *serial killer* está-se à espera de “mortes”. Assim, a todo o momento, o público pergunta-se: “o que fará ele a seguir?”, e isso acaba por prender a atenção do espectador, para além de o divertir, para além de ter adicionado a dimensão moral e filosófica ao diálogo em *off*...

[EXCERTO DA ENTREVISTA A LARS VON TRIER PARA A CAHIERS DU CINÉMA]

Por que aceitou representar em *The House That Jack Built*?

Porque Lars Von Trier é um grande realizador. E é o realizador que conta. São as suas escolhas e decisões que determinam a forma do filme. Como actor, procuro trabalhar com pessoas que tenham uma voz. É o caso de Lars: todas as suas decisões pertencem-lhe. Já percebi que numa filmagem o realizador filtra tudo o que me diz porque tem de prestar contas a uma terceira pessoa. Eu prefiro confiar no realizador, porque meto a minha interpretação nas suas mãos. É um filme intenso, trabalhamos sem rede, vamos até lugares desconhecidos – àquela ideia de que o mal reside na nossa natureza. (...)

Essa liberdade permite-lhe descobrir coisas inesperadas?

Absolutamente! Especialmente porque nos atiramos sem conhecer os movimentos! Nós não decidimos coisas como: vai até à porta, não te esqueças de largar as chaves, deixa-te ir; vais sentar-te ao pé da janela ou ao lado da porta? Aqui não nos repetimos e temos o direito de fazer o que queremos. Dizer que podemos falhar, perder algo e fazer de novo, isso é a liberdade.

[EXCERTO DA ENTREVISTA A MATT DILLON PARA A CAHIERS DU CINÉMA]





FICHA ARTÍSTICA

Matt Dillon
Bruno Ganz
Uma Thurman
Siobhan Fallon Hogan
Sofie Gråbøl
Riley Keough
Jeremy Davies

FICHA TÉCNICA

Argumento e Realização - Lars Von Trier
Baseado na ideia de Jenle Hallund
Direcção de Fotografia - Manuel Alberto Claro, Dff
Supervisão de Efeitos Visuais - Peter Hjorth
Direcção de Arte - Simone Grau Roney
Montagem - Molly Malene Stensgaard
Som - Kristian Selin, Eidnes Andersen
Assistente de Realização - Anders Refn
Figurinos - Manon Rasmussen
Maquilhagem e Cabelos - Dennis Knudsen
Supervisão de Pós-Produção - Cecilie Rui
Assistente de Produção - Maj-Britt Paulmann Dalsgaard
Produção - Louise Vesth
Co-Produtores - Madeleine Ekman, Lizette Jonjic, Marianne Slot,
Bettina Brokemper, Tine Grew Pfeiffer, Jonas Bagger
Produtores Executivos - Tomas Eskilsson, Thomas Gammeltoft,
Leonid Ogarev, Peter Aalbæk Jensen, Charlotte Pedersen

ESTREIA 3 JANEIRO - EXCLUSIVO MEDEIA FILMES

